

# “CLUSTER” - UMA DAS PRINCIPAIS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

*Robernei Aparecido Lima<sup>1</sup>, Friedhilde Maria Kustner Manolescu<sup>2</sup>*

<sup>1</sup><sup>2</sup> Universidade do Vale do Paraíba/ Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Av. Shishima Hifume, 2911 – Urbanova – São José dos Campos - SP, robernei@univap.br, frida@univap.br

**Resumo:** O campo das teorias do desenvolvimento econômico é amplo e tem merecido nas últimas décadas, por parte dos economistas, uma atenção especial em apontar novos modelos, principalmente no âmbito regional e local. Um dos novos paradigmas surgidos e discutidos sobre o tema é o que diz respeito às novas estratégias para a geração deste desenvolvimento e que foi definido por alguns pesquisadores como sendo de um “modelo endógeno”, construído de “baixo para cima”, ou seja, que parte das potencialidades socioeconômicas originais do local. Este artigo tem como objetivo, sem a pretensão de esgotar o assunto, trazer informações conceituais sobre crescimento endógeno, as três estratégias que reivindicam a representatividade deste novo paradigma, quais sejam: o distrito industrial, o milieu innovateur, ou ambiente inovador e o “Cluster”, item este que terá de nossa parte, uma maior atenção, merecendo inclusive ilustração de alguns modelos existentes no Estado de São Paulo, segundo pesquisa realizada pelo SEBRAE-SP..

**Palavras-chave:** Cluster, Desenvolvimento Regional, Localização Industrial.

**Área do Conhecimento:** Ciências Sociais Aplicadas

## Introdução

Poesia e Economia guardam entre si, por estranho que possa parecer, algumas semelhanças. Ambas, cada uma ao seu estilo, procuram compreender os fatos que ocorrem em nosso dia a dia e expressar suas conclusões da forma que possamos refletir sobre a realidade que nos cerca. Um exemplo que além de explicar a idéia acima, serve também para introduzir o tema deste artigo, que se constitui numa contribuição em definir de forma objetiva, uma estratégia de desenvolvimento ou de geração de riqueza, é a análise de uma frase da música “Miséria”, de autoria de Arnaldo Antunes. Diz a letra: “... miséria é igual em qualquer canto...riquezas são deferentes”.

De fato, se fizermos uma comparação entre a visão do letrista e os argumentos de Agarwala e Singh, (1969), sobre o fato da miséria ser resultado da ausência de riqueza e que esta por sua vez, pode ser produzida de diferentes formas, segundo por exemplo, os conceitos de Foxley et. al. (1998), verificamos que tanto o poeta quanto os economistas nos fazem compreender melhor as questões que envolvem o desenvolvimento, ou geração de riqueza, no sentido de que podem ocorrer a partir de diferentes processos e realidades e particularmente no caso deste artigo, resultante de interações e sinergias que podem ocorrer num determinado território ou local.

As teorias que abordam o desenvolvimento a partir de delimitadas regiões, sofreram grandes

transformações, conforme comenta Amaral Filho (2001): “... de um lado provocadas pela crise e pelo declínio de muitas regiões tradicionalmente industriais e, de outro, pela emergência de regiões portadoras de novos paradigmas industriais.”

Cabe lembrar para efeito de um melhor entendimento, que foi durante a década de 1950 que se desenvolveram conceitos e estratégias mais atraentes sobre o tema, os quais chamaram a atenção dos sistemas de planejamento nos anos 1960, notadamente no Brasil, quando dos planos de desenvolvimento instituídos pelos governantes no chamado período da “ditadura militar”, como por exemplo, a idéia de “Polos de Crescimento”, (Perroux, 1955), evoluindo anos mais tarde, para os estudos de Arthur (1994) e de Krugman(1995) que empenharam-se em refazer uma teoria da localização e devolver à Economia Regional seu devido lugar no mainstream da Ciência Econômica.

## Materiais e Métodos

Faz-se necessário, para o entendimento sobre as novas estratégias que reivindicam a representatividade do novo paradigma de desenvolvimento regional, particularmente o de característica endógena, uma descrição, referenciada deste modelo e das diferenças existentes entre os três principais exemplos dessas estratégias, quais sejam: os conceitos de “distrito industrial”, “milieu innovateur” (ambiente inovador) e “cluster” (tendo este último de nossa

parte, um maior cuidado até no sentido de apresentarmos exemplos existentes em algumas regiões do Brasil).

### **Desenvolvimento Regional Endógeno**

Questões como a concentração e aglomeração, ocupam lugar central nas teorias e nos modelos tradicionais de localização industrial, em grande parte de origem alemã, que dominaram a Ciência até recentemente. Essas teorias estão relacionadas a autores como Weber, Cristaller e Isard. No entanto, os argumentos de Krugman (1991), sugerem que as mesmas encontram limites ao tentar explicar o processo de localização e de endogeneização regional, porque, em razão da sua escolha metodológica, não conseguem apreender a complexidade dos processos dinâmicos da concentração das atividades econômicas sobre um determinado espaço. Malinvaud (1993), é quem argumenta que este novo ângulo de se enxergar o desenvolvimento é um dos aspectos mais interessantes no conjunto de dos modelos recentes de crescimento, segundo ele, este processo pode ser entendido como crescimento econômico que implica numa contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região.

Um outro aspecto desse modelo está associado ao perfil e á estrutura do sistema produtivo local, ou seja, a um sistema com coerência interna, aderência e sintonia local e que o grau de autonomia (comercial, tecnológica e financeira do sistema ali existente, é particularmente importante, e que essa autonomia relativa é conseqüência de numerosas inter-relações entre empresas e os diferentes setores produtivos locais. Garofoli (1992).

### **Diferenças entre as estratégias do paradigma do desenvolvimento do tipo endógeno**

As diferenças entre as três estratégias são muito sutis, o que torna difícil a tarefa de distingui-las; visto terem sido desenvolvidas praticamente na mesma época e de maneira não muito concorrente no tocante aos pressupostos. Todavia, é possível encontrar nelas algumas particularidades:

#### **Distrito Industrial**

Pyke et. al. (1990), definem essa estratégia como um sistema produtivo local, caracterizado por um grande número de firmas envolvidas em vários estágios, e em várias vias, na produção de um produto homogêneo. Um forte traço desse sistema é que uma grande parcela das empresas envolvidas é de pequeno ou de muito pequeno porte. Muitos desses “distritos” foram encontrados no norte e no nordeste da

Itália, na chamada terceira Itália, com especializações na produção de diferentes produtos: Prato, na Toscana, na Marche, especializado em sapatos e no Veneto, em móveis de madeira etc.

Uma característica importante do “distrito industrial” é ele ser concebido como um conjunto econômico e social. Pode-se falar que há nele uma estreita relação entre as diferentes esferas social, política e econômica, com o funcionamento de uma dessas esferas moldado pelo funcionamento e pela organização de outras. O sucesso dos “distritos” repousa não exatamente no econômico, mas, sobretudo no social e no institucional.

Ainda segundo os autores citados, alguns emblemas desse sistema são a adaptabilidade e a capacidade de inovação combinados à capacidade de satisfazer rapidamente a demanda, isto com base numa força de trabalho e em redes de produção flexíveis.

### **Milieu Innovateur (Ambiente Inovador)**

Esta estratégia foi bastante trabalhada por uma rede de pesquisadores europeus (Aydalot; Perrin; Camagni; Maillat; Crevoisier; entre outros.

Essa corrente dispensa atenção especial para a tecnologia, dado ser essencial, Aydalot (1996), no processo de transformações das últimas décadas. Nesse aspecto o *milieu innovateur* destaca-se do “distrito industrial” porque, enquanto esse privilegia

a visão do “bloco social”, aquele confere às inovações tecnológicas uma certa autonomia e um papel determinante.

Percebe-se, por esse traço tecnológico, que esses processos são acionados, de um lado, por uma lógica de interação, e, de outro, por uma dinâmica de aprendizagem.

### **Cluster**

O “*cluster*” (literalmente, agrupamento, cacho, etc.), de origem anglo-saxônica, pretende funcionar como uma espécie de síntese das estratégias anteriores. Ele é mais abrangente não só porque incorpora vários aspectos das duas estratégias precedentes, mas porque não fica restrito às pequenas e às médias empresas. Segundo Rosenfeld (1996), um grupo de

especialistas americanos deu, em 1995, a seguinte definição para *cluster*: "...uma aglomeração de empresas, é uma concentração sobre um território geográfico delimitado de empresas interdependentes, ligadas entre si por

meios ativos de transações comerciais, de diálogo e de comunicações que se beneficiam das mesmas oportunidades e enfrentam os mesmos problemas". A idéia central é formar uma indústria-chave, ou indústrias-chaves, numa determinada região, transformá-las em líderes do seu mercado, se possível internacionalmente, e fazer dessas indústrias a ponta-de-lança do desenvolvimento dessa região; objetivos esses a ser conseguidos por meio de uma mobilização integrada e total entre os agentes dessa região

Porter (1990), parece ter sido o autor de maior influência na composição estrutural do conceito *cluster*. Parece não haver dúvida de que a estrutura de um *cluster*, tal como é veiculado, sobretudo pelas empresas internacionais de consultoria, guarda íntima relação com o "diamante" de Porter que determina quatro condições dos fatores de produção, como:

1 - Condições da demanda (demanda interna forte por um produto ou serviço proporciona ao setor uma vantagem inicial).

2 - Setores relacionados e de apoio (setores fortes que determinados países têm, normalmente, setores de sucesso aos seus redores).

3 - Estratégia, estrutura e rivalidade na empresa, já que a concorrência interna estimula o progresso 4 - Força competitiva

Ao que parece, o conceito de *cluster* procura recuperar alguns conceitos tradicionais, como "pólo de crescimento" e "efeitos concatenados", de Perroux, principalmente, na idéia da indústria-chave ou indústria-motriz, conjugada com uma cadeia de produção e adicionado o máximo de valor possível.

### Clusters ou Arranjos Produtivos Locais? Estudo do SEBRAE

O SEBRAE Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas, trabalha pelo desenvolvimento sustentável das empresas de pequeno porte. A entidade facilita o acesso a serviços financeiros, estimula a cooperação entre as empresas e atuando em Arranjos Produtivos Locais, promove a competitividade dos micro e pequenos negócios, estimulando processos locais de desenvolvimento. No entendimento do SEBRAE, *Cluster*, é a reunião de empresas de um mesmo setor em uma região. Sua principal característica é a maior ênfase na competitividade, enquanto que Arranjo Produtivo Local (APL), é a concentração, em uma região, de empresas, cooperativas, associações e profissionais liberais que possuem a mesma atividade produtiva. Sua

principal característica é o desenvolvimento de forte vínculo de interação, cooperação e aprendizagem entre esses agentes, além de um mecanismo de governança.

O SEBRAE tem realizado um trabalho de levantamento da estruturação de arranjos produtivos locais, junto às suas sedes, em diversas cidades do Estado de São Paulo e vamos nos servir desta pesquisa para identificar alguns casos de APLs, ou Clusters, que estão promovendo o desenvolvimento regional.

Tabela 1 – Relação de alguns Arranjos Produtivos Locais, identificados pelo SEBRAE, no Estado de São de Paulo, em 2005.

|                                  |                    |
|----------------------------------|--------------------|
| Ourivesaria e Lapidação          | Limeira            |
| Ourivesaria (Jóias)              | S. J. do Rio Preto |
| Confecções (Récem-nascidos)      | Tabatinga          |
| Confecções (cama, mesa e banho)  | Ibitinga           |
| Madeira e Móveis (Móveis)        | Mirassol           |
| Construção Civil (Cerâmica)      | Vargem Grande      |
| Calçados (Calçados femininos)    | Jaú                |
| Confecções                       | Cerquillo          |
| Confecções                       | Conchas            |
| Calçados (Calçados masculinos)   | Franca             |
| Calçados (Calçados Infantis)     | Birigui            |
| Automotivo (Auto peças/plastico) | Santo André        |
| Petróleo e Gás                   | Paulínia           |

## Conclusão

Um aspecto interessante sobre o tema do desenvolvimento, é que o assunto pode ser tratado sob a luz de diversas teorias. Uma dessas abordagens, a Teoria Econômica Regional, experimentou nos últimos anos, profunda transformação, em virtude da reestruturação produtiva e espacial, assim como do surgimento de novos paradigmas teóricos que encontram nas fontes internas da região (história, antecipações e ações dos agentes locais) as principais causas do desenvolvimento. Em relação a estes novos paradigmas temos também, o conceito do desenvolvimento endógeno, sugerido pela CEPAL no início da década de 1990 como estratégia de planejamento regional, cujas idéias centrais originaram-se da aplicação da teoria da regulação, desenvolvida por numerosos autores, a partir dos trabalhos iniciais de Mistral, Lipietz, Boyer e Coriat, entendido como um processo de crescimento econômico que implica numa contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região e que apresenta como principais estratégias para a sua implantação: 1 – Distritos Industriais, 2 – Ambientes Inovadores, ou Milieu innovateur e 3 – Clusters, sendo este último, uma síntese dos anteriores, mais abrangente não só porque incorpora vários aspectos das duas estratégias precedentes, mas porque não fica restrito às pequenas e médias empresas. Clusters ainda, recebem em determinadas regiões onde são implementados, a denominação de Arranjos Produtivos Locais (APLs), embora alguns autores identifiquem entre ambos, algumas diferenças, principalmente no que diz respeito a questão da competitividade que existiria entre as empresas envolvidas num cluster, enquanto que nos APLs, ocorreria o associativismo e a cooperação entre os seus membros .

## Referências

AGARWALA, A. N. e SINGH, P. A economia do subdesenvolvimento. São Paulo: ed. Forense, 1969.

AMARAL FILHO, J. do. Desenvolvimento regional endógeno. Revista Econômica do Nordeste, v. 23 n.3, jun.. Fortaleza, 2001.

ARTHUR, W. B. Increasing returns and path dependence in the economy. USA The University of Michigan Press. 1994.

AYDALOT, P. Milieux innovateurs en europe. Paris: GREMI, 1996.

FOXLEY, A.; McPHERSON, M.; O'DONNELL (Org.). Desenvolvimento e Política (o pensamento de Albert O. Hirschman). São Paulo: ed. BibliotecaVertice, 1998.

GAROFOLI, G. "Les systèmes de petites entreprises: un cas paradigmatique de développement endogène". In BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Orgs.). Les régions quigagment. Paris, 1992.

KRUGMAN, P. Geography and Trade. Leuven-London: Leuven University Press/MIT Press, 1991. Development, Geography and Economic Theory. Cambridge, Massachusetts/London, England: The MIT Press, 1995.

MALINVAUD, E. Regard d'un ancien sur les nouvelles théories de la croissance. Revue Économique, v. 44 n. 2, mars, Paris, 1993.

PERROUX, F. Note sur la Notion de Pôle de Croissance. Economie Appliquée , 7, p. 307-320, Paris 1955.

PORTER, M. E. The competitive advantage of Nations. The Free Press, Macmillan, Inc, 1990

PYKE, F.; BECATTINI, G.; SENGERBERGER, W. Industrial districts and Inter-firm co-operation in Italy. Geneva: International Institute for Labour studies, 1990.

ROSENFELD, S. A. "États-Unis: Les agglomérations d'entreprises". In: OCDE. Réseaux d' entreprises et développement local (ou Network et de Développement). Paris: ed. Organisation de Coopération et de Développement Économique, 1996.

<http://www.sebrae.org.br/servicos/arranjosprodutivoslocais/html>. Acesso em 30 jun.. 2006.